

O QUE É NACIONAL É BOM

ALBUQUERQUE TAVARES

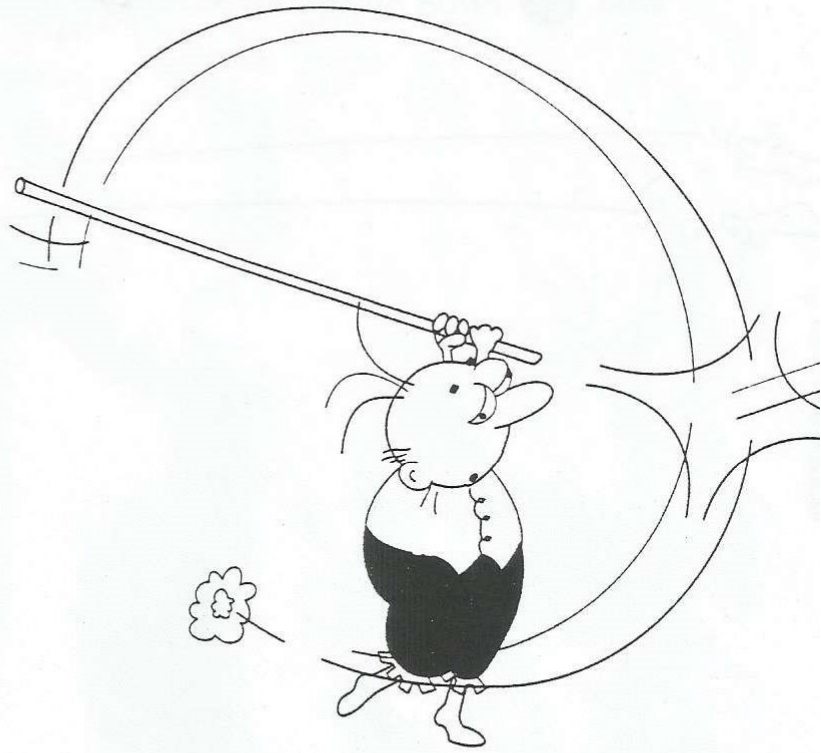
Licenciado em Educação Física

Quando entramos num jogo, conscientes ou não, há que aceitar as suas regras ou sair definitivamente para o lado. De que falamos?

Do jogo de consumir. É disso que falamos.

Produzir para consumir. Consumir o que é necessário e o que é desnecessário.

Da sobrevivência à pura vaidade, do desejo individual e intransmissível até à vontade de pertencer a um grupo, tudo razões e justificações para diferentes dimensões de consumo. Umas são boas — poderão dizer alguns — outras são más, mas como distingui-las? Qual o critério?



Acceptemos o jogo e joguemos o melhor possível. Se há que consumir também no período de lazer, porque não consumir nacional?

Em vez das actividades estrangeiras mergulhemos, decididos, nas actividades portuguesas, que são nossas e só nossas. E mergulhar no que é nosso é mergulhar no que o povo produz.

Nesta área de diversão e manutenção da forma física, se algo nos pertence por direito próprio é o jogo do pau. esse jogo tão popular nas zonas afastadas dos grandes centros e tão incitador da curiosidade até nos cidadãos mais empedernidos. O que lhe propomos é então agarrar com força uma actividade que já vem do século XVIII, altura em que os habitantes da província, não tendo mais nada para se defender, pegavam em varapaus e utilizavam-nos para se exercitarem e se prepararem para a ocorrência de uma guerra ou algo semelhante.

Começando por ser uma arte quase totalmente anárquica, o jogo do pau ganhou gradualmente solidez de gestos transformando-se numa prática desportiva rigorosa, com desenvolvimento em três escolas: a do Norte, que inclui a Galiza onde este jogo é muito popular, a do Ribatejo, onde o combate privilegiado é o da curta distância levando por isso os praticantes a correrem mais riscos, mas aumentando em muito a espectacularidade do jogo, e, por fim, a de Lisboa, onde a segurança é total já que existe um

sistema e uma organização defensiva, extremamente rigorosa.

É bom não esquecer que nesta última escola foi regulamentando este jogo, através da aquisição de muitos gestos técnicos vindos da esgrima do sabre e de florete. O jogo do pau é assim uma arte marcial que, embora tipicamente portuguesa, apresenta semelhanças com outras artes como por exemplo o *kendo* — clássica arte marcial japonesa. Como bons filtradores das coisas boas, os Portugueses retiraram o rigor de muitas técnicas das artes marciais orientais e juntaram-lhe o bom gosto português. Não é por acaso, aliás, que a designação "mestre", marcadamente oriental, foi, desde o início utilizada no jogo do pau, preferindo-se um mestre que não fosse bom jogador — pois desse modo poderia ter tendência para ocultar os seus segredos dos eventuais aprendizes/adversários — mas que fosse, sim, um homem com capacidade de liderança e com temperamento suave, capaz de passar aos seus alunos essa aversão aos excessos e essa tranquilidade muito característica de um modo de ser que nos habituámos a ver nos mestres chineses e japoneses.

Bebendo esta sabedoria ancestral, o jogo do pau tem essa característica bela — que só faz bem a quem está habituado a competir constantemente no âmbito empresarial — que é a de ser um jogo onde de certa maneira é necessário, e mesmo imprescindível, uma certa fraternidade entre oponentes que, mais do que adver-

sários, são colaboradores numa actividade de lazer. É muito comum existirem neste jogo períodos alternados de brilho, por assim dizer, de cada um dos participantes. Não por palavras, mas por gestos e movimentos, é como se se repetisse constantemente: "Ora agora defendes tu, ora agora atacas tu", que é o mesmo que dizer: "Ora agora brilhas tu, ora agora brilho eu".

Jogo portanto de gente fraterna, jogo popular e do bom, jogo que deve ser seguido de um bom vinho, à taberna se possível, jogo que não magoa e que exercita todos os instintos de ataque e defesa, jogo fácil, jogo onde os professores não são melhores do que os alunos, mas apenas mais tranquilos, jogo que nos mostra claramente a importância do corpo, o seu sofrimento, o seu prazer, uma luta de corpos que não se tocam; jogo que nos possibilita uma aproximação ao essencial e uma distinção clara entre necessidades básicas e supérfluas do corpo, e entre gestos necessários e gestos ociosos, desnecessários; jogo de aprendizagem da eficácia dos movimentos, jogo, enfim, que como todas as artes marciais, nos faz estar perante qualquer coisa — produto, palavra, atitude — sabendo bem quais as urgentes e quais as prescindíveis.

Mas, peço desculpa, desviei-me do assunto. Dimensões de consumo? Que pode isto ter a ver com um simples e popular jogo do pau?

Quase nada.

Quase tudo.